

## A Deusa da Misericórdia por Vinaya de la Herran

Aquele dia estava fantástico, no início de maio deste ano. O sol do meio-dia brilhava lá no alto; o céu era de um azul claro, quase sem nuvens. Também fazia calor — na verdade foi o dia mais quente do ano até aquele momento, e o ar estava parado e abafado.

Bem, pode ser que o ar estivesse parado naquele dia em especial; no entanto, quando existe uma criança pequena por perto, os passinhos daquela criança, sua voz viva e sua energia animada sempre vão criar vibrações fabulosas.

E este é o caso com o Rohit, de quatro anos de idade, que ficou conhecido de muitos através das lindas imagens dele no website do caminho de Siddha Yoga, e também por suas batucadas durante os satsangs de Siddha Yoga transmitidos ao vivo, em vídeo.

Sempre que Rohit chega no Anugraha com sua mãe para a sua adoração diária de Bhagavan Nityananda, no Templo, a primeira coisa que ele sempre pergunta é: “Vou ter o darshan de Gurumayi também?” Ao ouvir a resposta meio evasiva de sua mãe, Rohit diz: “Quero vê-la! Quero brincar com ela!”

Naquele dia, o desejo de Rohit foi satisfeito.

Quando Gurumayi o viu lá fora, perto da estátua de Shiva Nataraj, depois de sua visita ao Templo, ela lhe perguntou:

— Você gostaria de caminhar comigo até o riacho?

— Estou indo lá! — disse Rohit.

E começou a rir e a correr na direção do riacho que ficava ali perto. Para Rohit aquele era o dia perfeito: somente eles dois, Gurumayi e ele.

A mãe de Rohit estava indo para o pátio do Anugraha para oferecer seva tirando fotos para o website do caminho de Siddha Yoga. Então Gurumayi pediu a ela que me desse o recado de ir encontrar os dois, Gurumayi e Rohit, no riacho.

Assim que Rohit ouviu aquilo, ele perguntou para Gurumayi:

— Por quê? Por que virá outra pessoa com a gente?

— Vinaya vai nos ajudar — disse Gurumayi.

Quando ele perguntou novamente por que eu iria com eles, Gurumayi explicou que eu iria junto para ajudar com quaisquer tarefas que por acaso fossem necessárias.

Quando eu cheguei, alguns minutos mais tarde, Gurumayi me disse:

— Então, Vinaya, você vai realizar tarefas para nós, certo?

Olhei na direção de Rohit e respondi com grande deleite:

— Sim, é por isso que vim, para realizar tarefas!

Rohit adora ficar repetindo o que ouve, então ele disse para mim:

— Então, Vinaya, você vai realizar tarefas! — Então ele olhou para Gurumayi e perguntou — O que significa realizar tarefas?

— Tudo que a gente quiser que ela faça, ela vai fazer — disse Gurumayi.

— Tudo que a gente quiser que você faça, você vai fazer! — repetiu Rohit.

Deu para perceber que Rohit se acalmou quando soube que eu não iria interferir no passeio dele com Gurumayi.

Conforme caminhávamos na direção do riacho, a cena que surgiu diante de nós parecia saída de uma pintura. Por muitos meses, o terreno do Ashram tinha estado coberto por uma manta branca de neve, depois o solo ficou encharcado com frequentes rajadas de chuva torrencial. Finalmente, naquele dia, o céu estava azul. O sol brilhava. Nós estávamos caminhando na direção do riacho junto com Gurumayi.

À medida que continuávamos a caminhar, vi as árvores alinhadas nas margens do riacho e admirei o jogo de luzes que o sol brilhante fazia através das copas frondosas. Plantas rasteiras e todo tipo de flores haviam começado a brotar por todo o solo fresco de primavera. (“Gurumayi, olhe!” Rohit exclamou vivamente, apontando para os botões amarelos e brancos. “Narcisos!” “Sim, Rohit, você está certíssimo!” Gurumayi respondeu. “São de fato narcisos.”) Também os pássaros estavam cantarolando e seu canto doce parecia uma oferenda ao lindo dia.

De vez em quando, Rohit perguntava para Gurumayi: “Aonde vamos agora?” E cada vez que ele fazia esta pergunta, Gurumayi o encorajava a olhar para o cenário, a curtir o momento. Rohit entendia plenamente o que Gurumayi queria dizer e por um segundo ele fazia exatamente isso. E então, um segundo mais tarde, ele perguntava de novo: “Quando vamos chegar ao riacho?” Eu percebi que, apesar de a caminhada não ser muito longa, para uma criança de quatro anos devia parecer uma eternidade.

Finalmente chegamos ao nosso destino. Enquanto atravessávamos a pontezinha vermelha, em estilo japonês, que passa por cima do riacho, Rohit perguntou para Gurumayi:

— Então, agora que chegamos ao riacho, aonde vamos a seguir? E o que vamos fazer? Nós vamos brincar?

— Bem, neste exato momento estamos caminhando sobre a ponte — respondeu Gurumayi.

— Eu gosto desta ponte — disse Rohit.

— Já que a pintura está começando a descascar, talvez um dia você possa pintá-la — comentou Gurumayi.

— Sim, eu quero pintá-la — disse Rohit — E ela vai ficar tão bonita!

Ao atravessarmos a pequena ponte vermelha, fomos saudados por um grande arbusto de azaleias. Estava forrada de botões cor-de-rosa que apenas começavam a abrir. Por entre os ramos floridos do arbusto de azaleias, Gurumayi percebeu que a estátua de Quan Yin, virada para o riacho, ainda estava coberta com uma lona branca.

Existem muitas estátuas de deidades pelos jardins do Ashram, e no início do inverno elas são cobertas para ficarem protegidas do clima rigoroso. Entretanto, as lonas de todas as outras estátuas haviam sido removidas muitas semanas atrás, então era intrigante ver que Quan Yin ainda estava embrulhada.

Gurumayi viu que havia ali uma tarefa a ser realizada. No entanto, tudo que Rohit queria fazer quando chegamos ao riacho era brincar! Lembro que fiquei me perguntando como Gurumayi iria convencer Rohit sobre essa mudança de planos. Então a ouvi dizer:

— Rohit, eu sei que você *ama* oferecer *seva*. Portanto, vamos fazer *seva* neste exato momento.

— Sério? Vamos fazer *seva*? Não íamos brincar? — perguntou Rohit.

Gurumayi se manteve firme na mudança de planos e disse:

— Sim. Lembra? Vinaya ia realizar tarefas e nos ajudar com qualquer coisa que a gente precisasse.

Rohit assentiu com a cabeça e continuou passeando, com a atenção distraída.

— Gurumayi — disse ele, subindo em uma grande rocha próxima da margem da água — Quero te contar uma coisa. Olha onde estou agora. Subi nesta pedra. Não vou me aproximar da beira. Só vou subir na pedra até este ponto. Se eu avançar demais, vou cair dentro do riacho. E não quero fazer isso.

— Isso é brilhante, Rohit. Como você é esperto! E agora, de volta para o *seva*. Venha, Vinaya vai lhe mostrar como desembrulhar a lona — disse Gurumayi.

Rohit voltou até a estátua. Como ele não sabia o que tinha embaixo da lona, ele perguntou o que havia ali. Gurumayi disse:

— É uma surpresa.

— Me conta, me conta, eu quero saber! — disse Rohit.

— Rohit, é uma surpresa — repetiu Gurumayi.

Cuidadosamente, Rohit começou a desatar o nó de uma das cordas que prendia a lona, no início sem saber exatamente como fazê-lo. Então mostrei a ele como era fácil e, assim que ele viu o nó se soltando, sorriu. Rapidamente ele começou a *adorar* o ato de desatar as cordas.

As cordas foram ficando cada vez mais soltas e Rohit curtia o processo cada vez mais. Então, quando a segunda corda finalmente caiu no chão e a lona foi solta, de repente ouvimos uma mistura de sons delicados e agradáveis. Nenhum de nós tinha a mínima ideia de onde vinham esses sons. Mesmo assim, quando os ouvimos, nossos corações palpitararam com grande alegria.

Gurumayi olhou para cima em busca da origem daqueles sons. Seus olhos encontraram os sinos de vento vermelhos de metal que estavam pendurados nos galhos de uma árvore perto da ponte.

— Rohit! A deusa da misericórdia, Quan Yin, está tão feliz! — exclamou Gurumayi.

Gurumayi continuou repetindo essas palavras: “Ela está tão feliz! Ela está tão feliz!” Tanto eu como Rohit sentimos a felicidade de Gurumayi, a felicidade de Quan Yin, a felicidade da natureza e a nossa própria felicidade interior.

Gurumayi nos explicou que, ao soltar as cordas com a intenção de tirar a lona, estávamos dando espaço para Quan Yin respirar — e agora, através da melodia do sino de vento, a deusa estava expressando sua felicidade.

Uma observação fundamental que fiz na hora é que não havia nenhuma brisa soprando. Na verdade, quando olhei ao redor para os galhos das outras árvores, percebi que eles estavam extremamente imóveis nesse dia tão quente. E considerando a robustez daquele sino de vento em particular, seria necessária uma boa golfada de vento para fazê-lo se mover

e emitir algum som. No entanto, tal como Gurumayi contou a Rohit e a mim, repetidas vezes, foi Quan Yin que criou aquele som. Nós a havíamos libertado. Ela estava nos mostrando sua felicidade ao tocar os sinos, e nós pudemos ter a experiência nós mesmos.

Os sinos de vento tocaram sem parar conforme tirávamos a lona de cima de Quan Yin e também retirávamos a camada de plástico bolha de debaixo da lona. Foi só então que Rohit finalmente entendeu quem ele estava descobrindo. Ele recebeu o *darshan* de Quan Yin, de sua imagem entalhada em pedra branca e cinzenta, com orelhas de lóbulos longos e olhos semicerrados como meias-luas. Ela estava sentada em uma postura meditativa, uma perna dobrada sobre a outra. Sua expressão era totalmente gentil, perfeitamente calma, inteiramente à vontade.

Enquanto Rohit olhava a imagem, Gurumayi exclamou: “Quan Yin!”

Rohit olhou para Gurumayi e perguntou: “Quem é ela?”

— Ela é a deusa da misericórdia. Ela está tão feliz, Rohit — explicou Gurumayi.

Rohit deu para Gurumayi um sorriso astuto. Era muito fofo de se ver. E *por que* ele lhe deu aquele sorriso? Porque Rohit sabe com 100% de certeza que cada tarefa deve ser completada 100%. Seus pais inculcaram nele a linda disciplina de guardar seus brinquedos e arrumar a mesa do jantar depois das refeições. Ele é muito prestativo. E, na verdade, ele percebeu que a lona e as cordas ainda estavam espalhadas pelo chão.

Mas, para assegurar que o *seu* plano não corria o risco de *não* acontecer, Rohit disse com exuberância:

— Gurumayi! Agora vamos brincar!

— Rohit, o *seva* ainda não terminou — disse Gurumayi — Temos que dobrar a lona branca e colocá-la em algum lugar bem arrumada.

Rohit, que agora estava marchando sem sair do canto, ansioso para ir a algum outro lugar para brincar com Gurumayi — sem a minha pessoa — fez de conta que não havia ouvido o que Gurumayi disse.

— Gurumayi, vamos brincar! — ele repetiu.

Novamente Gurumayi disse:

— Rohit, nós temos que completar este *seva*. Venha, me ajude a dobrar a lona branca. Veja, Vinaya já começou!

Uma coisa que já percebi a respeito de Rohit é que ele realmente ouve e, tal como mencionei antes, ele entende bem a importância de completar uma tarefa. Assim, ele deu uma mãozinha para dobrar a lona, e adorou fazê-lo.

Uma vez finalizada esta bela e incrível tarefa de *seva* — que havia nos dado uma experiência da presença divina — fomos caminhar ao longo do riacho, com nosso coração preenchido com ainda mais felicidade e elevado com um contentamento ainda maior. Além disso, quando chegou o momento de Rohit brincar, alguns minutos mais tarde, acho que o coração dele deve ter se escancarado, pois ele acabou me convidando para ficar e brincar com ele e Gurumayi!

